

## O ato em contexto nas terapias contextuais

### The act in context in contextual therapies

Claudia Lucia Menegatti<sup>1</sup>

[1] Pontifícia Universidade Católica do Paraná **Título abreviado:** Ato em contexto nas terapias contextuais | **Endereço para correspondência:** Rua Marquês do Paraná, 618 ap. 63-B, Curitiba/PR CEP 80620-210 | **Email:** claudiamenegatti@gmail.com | **doi:** 10.18761/PAC.ACT.030

**Resumo:** O ato em contexto se apresenta nos textos básicos das terapias contextuais como uma metáfora para o evento comportamental inteiro, em fluxo contínuo, e como inovação para as aplicações terapêuticas. A discussão proposta neste ensaio tem como objetivo revisar possíveis relações entre o Behaviorismo Radical e as terapias contextuais (terceira geração), resgatando princípios propostos por Skinner. A seguir, o artigo dirige o debate a três pontos em que as terapias contextuais aprimoram e inovam na prática clínica comportamental, a saber, a análise dos fenômenos verbais em psicoterapia, o estudo contextualizado da relação terapêutica e a centralidade da análise funcional do comportamento no processo psicoterapêutico. Por fim, alerta-se para a necessidade de conhecimento do behaviorismo radical como fundamento para a prática de um terapeuta contextual.

**Palavras-chave:** terapia comportamental; behaviorismo; contextualismo funcional.

**Abstract:** The act in context is presented in the basic texts of contextual therapies as a metaphor for the entire behavioral event, in continuous flow, and as an innovation for therapeutic applications. The discussion proposed in this essay aims to review possible relationships between Radical Behaviorism and contextual therapies (third generation), rescuing principles proposed by Skinner. Next, the article directs the discussion to three points in which contextual therapies improve and innovate in clinical behavioral practice, namely, the analysis of verbal phenomena in psychotherapy, the contextualized study of the therapeutic relationship and the centrality of functional behavior analysis in the psychotherapeutic process. Finally, it is alerted to the need for knowledge of radical behaviorism as a foundation for the practice of a contextual therapist.

**Keywords:** behavior therapy, behaviorism, functional contextualism.

#### **Nota da autora**

Este ensaio foi baseado na apresentação “O ato em contexto nas terapias contextuais” que foi realizada pela autora como palestrante convidada no II SinContextus – Simpósio Internacional de Terapias Contextuais do LaPPIC-USP, em 16 de outubro de 2024, em formato online, promovido pelo LaPPIC-USP em parceria com a ArtMed.

As reflexões a seguir têm por objetivo esclarecer e problematizar compreensões do que se trata o “ato em contexto” para as práticas terapêuticas comportamentais de terceira geração. Reunindo apontamentos teóricos, aliados às possíveis aplicações clínicas, pretende-se convidar o leitor a notar as implicações práticas de suas ações contextualizadas como psicoterapeuta. Para isso, iniciaremos com uma breve exposição sobre o movimento das terapias contextuais.

O professor Marino Pérez-Álvarez (2006) discute o que seria a terceira geração ou a terceira onda das terapias comportamentais. Em suas palavras:

“Poderia se tratar da eterna renovação geracional, segundo a qual, de tempos em tempos (por exemplo, a cada 15 ou 20 anos), as coisas precisam mudar, embora muitas vezes seja para continuarem iguais. Poderia se tratar também de mais uma moda, consistente no lançamento de um novo produto, devido, como não, a interesses diversos (editoriais, renovação ‘tecnológica’, liderança científica). Sem que nada disso falte, a nova geração pode, por uma vez, trazer novidades e que elas sejam boas” (Pérez-Álvarez, 2006, p. 160).<sup>1</sup>

Com este questionamento, iniciamos o debate: seriam as terapias contextuais ou de terceira geração uma inovação? Se sim, em que elas são inovadoras? Sem pretender, de nenhuma forma, esgotar este assunto, queremos nos debruçar sobre alguns aspectos.

A terceira geração representa uma retomada dos princípios behavioristas, por meio de um retorno à ênfase nas causas ambientais ou contextuais, como também na compreensão de caso individual, ou seja, uma análise idiográfica. Representa questionamentos ao modelo médico e nomotético e

uma retomada ao que é muito próprio da psicologia clínica: analisar casos individualmente e de forma contextual ou holística (Pérez-Álvarez, 2006). Esses pontos serão retomados adiante neste texto.

Sobre as gerações em terapias comportamentais, faz sentido comparar as ondas como metáforas dos movimentos terapêuticos (Hayes, 2004). Uma onda não é todo o mar, e todo o mar não tem uma só onda. Como um atleta do mar, o surfista espera e navega, como também o marinheiro, na onda que considera especial, para a qual desenvolve habilidades e condições. Não perde o mar de sua vista, também não se entrega desatento. O contexto está ali posto: mesmo surfando ou navegando, observa a onda, observa a si mesmo, observa o mar. Pode descrever precisamente o que fez e faz. Está ali presente, desafiado, como diz o ditado: ‘mar calmo não faz bom marinheiro’. O contextualismo, também, entendido como uma revisita filosófica que se embasa e rubrica os princípios behavioristas skinnerianos (Dougher & Hamilton, 2018; Wilson & Hayes, 2018) em uma lente inovadora, nos permite olhar para este ato em contexto: enquanto o marinheiro navega, suas respostas de navegante são intimamente relacionadas ao passado (sua história de aprendizagem), ao mar de hoje, à meteorologia, ao que observa, sente, pensa (todos seus comportamentos abertos e encobertos), ao que isto produz no momento (consequências reforçadoras a curto prazo) e àquelas a longo prazo (produzir-se como bom marinheiro), num dado momento histórico, em que navegar é preciso e impreciso<sup>2</sup>. O comportamento do marinheiro está funcionalmente ligado a tudo isso: suas ações são contextuais e funcionalmente analisáveis.

Navegaremos agora nas suas imprecisões, para tentarmos nos aproximar de precisões. O professor Kester Carrara, no artigo “Causalidade, relações funcionais e contextualismo: algumas indagações a partir do behaviorismo radical” (2004), trata de um otimismo contido e de um ceticismo razoável ao discutir as proximidades e, particularmente, as inovações que o contextualismo traz ao behaviorismo de Skinner. Carrara (2004) mostra aproximações

1 Tradução livre de: “Podría tratarse de la sempiterna renovación generacional, según la cual cada cierto tiempo (por ejemplo, cada 15 o 20 años) las cosas necesitan cambiar, aunque muchas veces sea para seguir igual. Podría tratarse también de una moda más, consistente en el lanzamiento de un nuevo producto, debido, cómo no, a intereses varios (editoriales, renovación ‘tecnológica’, liderazgo científico). Sin que nada de esto falte, la nueva generación puede que traiga, por una vez, novedades y que esas sean buenas” (Pérez-Álvarez, 2006, p. 160).

2 Esta frase faz uma alusão ao poema “Palavras de Pórtico” de Fernando Pessoa. A íntegra do poema pode ser encontrada em: Pessoa, F. (2007). *Poesias*. Porto Alegre: L&PM, p. 7.

interessantes entre os dois âmbitos, que serão relacionadas às relações clínicas ao longo deste texto.

Recordando que o contextualismo se refere às questões filosóficas que embasam uma prática clínica, e não à própria prática psicoterapêutica, vamos refletir, a partir de agora, a que se refere o conceito de ‘ato em contexto’ para a prática clínica.

Skinner (2003/1953), no livro ‘Ciência e Comportamento Humano’, ao definir a psicoterapia como uma agência de controle, a prevê como um arranjo de contingências, portanto, um contexto para mudanças comportamentais. À medida em que a psicoterapia seleciona contingências, especificando suas regras (como ser uma audiência não punitiva, por exemplo), com antecedentes, comportamentos de terapeuta e cliente e suas possíveis consequências, a psicoterapia se coloca com um contexto especial de controle e modificação de comportamento. O terapeuta atua como um especificador destas regras completamente implicado dentro e neste contexto.

Hughes (2020) sintetiza e orienta aos leitores sobre o sentido desta compreensão do ‘ato em contexto’ como uma metáfora do contextualismo. Segundo esse autor: “o ato no contexto não é uma descrição de algum evento estático que ocorreu no passado. Ao contrário, ele é uma atividade proposital que acontece no aqui e agora dentro dos contextos físico, social e temporal” (Hughes, 2020, p. 28). São os atos contínuos definidos em seu significado e propósito, não um evento estático de um determinado tempo histórico, mas aquilo que se apresenta em sua totalidade, em suas partes e relações. Há um contexto histórico e um contexto presente. Refere-se às análises verbais do mundo por meio das quais a predição e influência sobre o comportamento se encontram - e não a uma pretensão de uma realidade concreta (Dougher & Hamilton, 2018; Hughes, 2020). São as ações (abertas e encobertas), em sua totalidade contextual e funcional (Hughes, 2020), atualizadas em seus determinantes filogenéticos, ontogenéticos e culturais, recordando os três níveis de seleção descritos por Skinner. Essa lembrança dos três níveis de seleção também está destacada na compreensão do que é uma ciência contextual por Wilson e Hayes (2018), quando comentam a necessidade de que as ciências contextuais estejam situadas também na perspectiva de uma

ciência da evolução humana, já anteriormente integrada quando Skinner descreveu as seleções filogenética, ontogenética e cultural sobre o organismo humano e seus modos de relação funcional com os diferentes ambientes<sup>3</sup>.

O olhar se debruça sobre a integralidade do evento psicológico, o que é profundamente desafiador, já que, como nos ensinou Leonardo Boff (1998, p. 9), “todo ponto de vista é a vista de um ponto”, desenvolver olhar integrador é flexibilizar e ampliar pontos de vista. Ou como o professor Kester Carrara (2004, p. 32) nos recorda: “experiência é indissociável do conhecimento”. O ato inteiro, novamente, lembrado de outro modo.

Steven Hayes, Kirk Stroschal e Kelly Wilson, no livro *Terapia de Aceitação e Compromisso* (Hayes et al., 2021), publicado originalmente em 2012, perguntam: “O que define um evento comportamental como um evento inteiro?” Mais adiante, nesse mesmo texto, os autores aproximam o conceito de ato em contexto, com ação inteira e comportamento, em suas palavras: “toda e qualquer atividade que qualquer um (às vezes apenas uma pessoa) pode observar, predizer e influenciar” (Hayes et al., 2021, p. 26). Em nossa compreensão, isto não se distancia de podermos analisar funcionalmente um comportamento, especialmente de natureza verbal, que é o chão por onde a psicoterapia caminha. Os mesmos autores esclarecem esse aspecto: “Um contextualista funcional olha para a ação e seu contexto e, então, aproveita a análise funcional dos objetivos pragmáticos do clínico e do cliente” (Hayes et al., 2021, p. 30). Carrara (2004, p. 37) reafirma: “A posição filosófica de Skinner não separa a pessoa do comportamento”, alinhando-se aqui à ideia de um ato em contexto, globalizado, não separável em mecanismos, mas num fluxo funcionalmente observável e de múltiplas determinações (o que requer a humildade do cientista e do clínico).

A partir desta contextualização, ou da apresentação do mar onde navegamos, vamos destacar três pontos em que as Terapias contextuais fortalecem, aprimoram e inovam na prática clínica. Estes pontos, entre outros, foram levantados no debate ‘*Conductismo Vs. Contextualismo*’ com

3 Para conhecer o texto de Skinner sobre o qual os autores comentam, ver: Skinner, B. F. (2007).

os professores espanhóis María Xesús Froxán, Natalia Andrés López, Luis Valero e José Olid em 2023 (disponível em (<https://www.youtube.com/watch?v=IPvSR0A2hc0&t=2850s>), e foram escolhidos para serem aprofundados a seguir. Destacamos o pronunciamento, nesse debate acima mencionado, da professora Maria Xesús Froxán (2023), professora da Universidad Autónoma de Madrid, que afirma que em psicologia não há invenções, mas descobertas. Em que, então, este aporte contextualista contribui?

O primeiro ponto se refere à natureza verbal da psicoterapia. Uma psicoterapia que, a partir dos estudos de comportamento verbal e das molduras relacionais, é realizada com propriedade sobre os fenômenos verbais durante as sessões. Com o resgate do comportamento verbal desde Skinner e ampliado pelos pesquisadores do comportamento verbal e da teoria das molduras relacionais (ver Hayes et al., 2001; Perez et al., 2022) como Sidman, Zettle, S. Hayes, L. Hayes, Luciano, Törneke, D. Barnes-Holmes, Y. Barnes-Holmes, Roche, Wilson, Ruiz, M. Villatte e J. Villatte, nosso professor Júlio De Rose, e novos pesquisadores brasileiros como o grupo liderado pelos professores Will Perez e Roberta Kovac, nas terapias contextuais, a linguagem é entendida como um contexto de mudança terapêutica, por meio da qual a psicoterapia terá efeitos dentro e fora da sessão. O comportamento verbal em sessão é muito mais que um relato: é um agir contextual no mundo e foco do trabalho do terapeuta. A transformação de funções verbais é a transformação do mundo simbólico, e a as pesquisas sobre a intervenção clínica nas funções verbais, por meio da teoria das molduras relacionais, têm revelado a eficácia terapêutica de compreender o comportamento verbal como uma ação contextualizada na sessão terapêutica (de Rose & Bortoloti, 2007; Hayes et al., 2001; Perez et al., 2013; Perez et al., 2022; Sidman, 1992; Törneke, 2010; Törneke et al., 2016; Villatte et al., 2016; Wilson & Luciano, 2012; Zettle & Hayes, 1982).

Na revisão de Gomes e de Rose (2024, p. 62) sobre a sensibilidade ao outro em psicoterapia, os autores recordam, que “as psicoterapias comportamentais (especialmente com clientes adultos) têm clara ênfase em intervenções operantes de natureza verbal”. Destaca-se que, para o behaviorista treina-

do em terapias contextuais, como bem lembrado por Wilson e Luciano (2012), em terapia não se pretende mudar o conteúdo dos eventos privados. Ou seja, não se pretende alterar pensamentos, por exemplo. O que se pretende é alterar os contextos verbais dos eventos privados, ou seja, suas funções. Retomando nossa metáfora do mar: não pretendemos alterar as ondas, nem o mar, podemos sim, observá-lo, mesmo quando tomados de medo. O medo do mar e sua imensidão, o desconhecido que representa, também pode ser visto desde outros pontos de vista, se assim for interessante à vida do observador: a grandiosidade do mar pode equivaler à grandiosidade da própria vida.

Neste exemplo queremos colocar que, para a prática clínica, a utilização das metáforas verbalmente construídas são ilustrações do ato em contexto. Ruiz e Luciano (2012a) enfatizam que:

“quando nos referimos ao contexto, não somente nos referimos ao ambiente estimulante no qual se encontra o indivíduo, mas às funções que esse ambiente desempenha em sua própria história de aprendizagem. Não cabe esperar, portanto, que o contexto histórico que permitira a abstração da chave relacional tenha que ser observado para que esteja funcionalmente presente no momento no qual a pessoa estabelece a analogia” (Ruiz & Luciano, 2012a, p. 47).<sup>4</sup>

Posto isso, compreendemos que as chaves ou molduras relacionais estão contextualmente presentes na fala do cliente na psicoterapia, e o terapeuta, ao trabalhar com as metáforas, por exemplo, amplia as funções destas chaves, para permitir a flexibilidade e movimento: é um libertar-se por meio de novas funções com as propriedades das metáforas. Nas palavras de Wilson e Luciano (2012, p. 99): “Alterar os contextos verbais que prenderam o cliente significa

4 Tradução livre de: “cuando hacemos referencia al contexto, no sólo nos referimos al ambiente estimular en el que se encuentra el individuo sino a las funciones que ese ambiente tiene al hilo de a su propia historia de aprendizaje. No cabe esperar, por tanto, que el contexto histórico que hubiera permitido la abstracción de la clave relacional tenga que observarse para que esté funcionalmente presente en el momento en el que la persona establece la analogía” (Ruiz & Luciano, 2012a, p. 47).

tecnicamente produzir uma mudança derivada na classe funcional que define em cada caso o padrão de evitação rígido ou generalizado e ineficaz”<sup>5</sup>. O estudo dos efeitos das regras e autorregras rígidas - *pliance, tracking*, por exemplo - para reduzir o controle destrutivo delas durante as sessões terapêuticas, por meio das metáforas, exercícios experienciais e paradoxos, permite situar, cada vez mais, possibilidades de romper com coerências verbais destrutivas e promover a desliteralização da linguagem. Assim, o cliente se torna, no momento presente, no contexto presente, um observador de seu mar que escolhe a direção de sua navegação.

Em outro artigo, sobre o uso das metáforas, Ruiz e Luciano (2012b) esclarecem que, na prática clínica:

“A analogia e a metáfora potencializam muito significativamente a generatividade da linguagem humana, pois permitem conectar domínios, ou redes relacionais, que antes não estavam relacionados, facilitando a derivação de um grande número de relações, e a possível transferência de funções, de uma maneira praticamente instantânea” (Ruiz & Luciano, 2012b, p. 44).<sup>6</sup>

Tais intervenções, que ocorrem nesta relação terapeuta-cliente, necessitam da sensibilidade terapêutica para que este ato em contexto seja realmente terapêutico. Novamente nas palavras de Gomes e de Rose (2024, p. 62): “a sensibilidade ao outro implicaria também em responder de forma a produzir mudanças que promovam o bem do outro”. Um terapeuta sensível está humanamente implicado dentro do contexto terapêutico.

Transpomos assim, o poder das terapias contextuais: a força das intervenções verbais e da relação

terapêutica são atualizadas no aqui e agora, e, em direção pragmática de utilidade, elas são veículos potentes para a mudança. A inovação não é a descoberta de princípios, mas a atualidade sobre como fazer, ao presentificar os movimentos terapêuticos de mudança inter e intrapessoal no próprio contexto terapêutico.

O segundo ponto de nossa análise sobre as contribuições contextualistas à prática clínica, liderado especialmente da psicoterapia analítico-funcional (FAP), se refere à relação terapêutica como contexto de mudança. O alerta de que as interações terapêuticas podem ser analisadas funcionalmente torna a sessão uma experiência – um contexto no qual comportamentos clinicamente relevantes, sejam eles problemáticos ou de melhora terapêutica, podem ser observados e vivenciados naquele ‘ato em contexto’ (Brandão, 1999; Callaghan & Follette, 2008; Kohlenberg & Tsai, 2000).

Resgatando novamente os apontamentos do professor Carrara (2004, p. 33): “Entretanto, tomemos muito cuidado. Não nos esqueçamos de que nosso microscópio, nossa banquetta, nossa mesa, nossa prancheta de anotações e nós próprios, bem como nossa suposta ilha, estamos irremediavelmente inseridos no imensurável mundo que tivemos dificuldade de imaginar”. Este ‘inserir irremediável’ é a grande contribuição para o estudo do poder transformador veiculado pela relação terapêutica. Ela é um contexto transformador, que tem sido cada vez mais tecnicamente pesquisado. Ela é um grande ‘ato em contexto’, estudado fortemente pela FAP por autores como Tsai, Kohlenberg, e brasileiras incríveis como Fátima Conte, Zilah Brandão, Claudia Oshiro e Jocelaine Martins da Silveira, entre tantas e tantos. Neste *timing* contextual no Brasil, as terapias de terceira geração como um todo também dedicaram sua pesquisa sobre a relação terapêutica como contexto de mudança, operacionalizando as funções de comportamentos de terapeutas e clientes, ou sobre aquilo que acontece especificamente neste mar, com grandes professores como Sônia Meyer, Denis Zamignani e Roberto Banaco, e com modelos clínicos sustentados no Brasil, que conseguem transpor a barreira difícil da pesquisa para a prática terapêutica, como Regina Wielenska, Maly Delliti, Yara Ingberman, Vera Otero e tantos outros.

5 Tradução livre de: Alterar los contextos verbales que tienen atrapado al cliente significa tecnicamente producir un cambio derivado en la clase funcional que define en cada caso el patrón de evitación rígido o generalizado e ineficaz” (Wilson & Luciano, 2012, p. 99).

6 Tradução livre de: “la analogía y la metáfora potencian muy significativamente la generatividad del lenguaje humano pues permiten conectar dominios, o redes relacionales, que previamente no estaban relacionados, facilitando la derivación de un gran número de relaciones, y la posible transferencia de funciones, de un modo prácticamente instantáneo” (Ruiz & Luciano, 2012b, p. 44).

A terceira contribuição contextualista, finalmente, destaca a retomada da análise funcional no contexto da própria sessão. Dougher e Hayes (2000) recordam fortemente que a análise comportamental clínica se refere a uma postura contextual verbal dentro da própria sessão, observando organismos inteiros e suas relações ambientais presentes e passadas. Isto não é novo, mas um lembrete de que a análise funcional, vivenciada na relação terapêutica de forma a conduzir que o cliente observe como se comporta no contexto terapêutico e em sua vida, que consequências isso produz a curto e longo prazo (fenômenos como a esquiva experiencial), parecem nos reaproximar tanto do Behaviorismo Radical quanto dessa perspectiva contextual.

Carrara (2004) esclarece o que é uma análise comportamental contextualista: analisar o “estar fazendo”, de forma dinâmica, opondo-se ao estático. Este movimento de análise funcional deve estar presente na sessão terapêutica, propondo análises funcionais dinâmicas. Ele nos lembra da “multiterminação contextual do comportamento: inúmeras variáveis, de diferentes campos (pessoal, social, cultural, educacional, político, ideológico, econômico, biológico, químico, etc) concorrem de modo geralmente entrelaçado e reticular (não linear) para a explanação causal do fenômeno comportamental” (Carrara, 2004, p. 46). E, mais adiante: “O comportamento será sempre um *comportamento-no-contexto e com-o-contexto* e não pode, nessa perspectiva, ser compreendido pelo apelo a ações isoladas” (Carrara, 2004, p. 47).

Törneke et al. (2016), ao estabelecerem metodologia de trabalho para aplicação da teoria das molduras relacionais no contexto terapêutico, situam a análise funcional feita vivencialmente durante a sessão como um dos três movimentos terapêuticos<sup>7</sup> fundamentais para auxiliar que os clientes possam discriminar as classes de comportamento atuais e suas consequências problemáticas, recordando

Skinner, pois discriminar o próprio comportamento é a chave para mudar de comportamento. Esse processo de utilização da base conceitual da teoria das molduras relacionais funcionalmente analisadas na prática clínica, amplamente pesquisado, promove conexões entre a ciência contextual, a pesquisa básica e aplicada com intensa coerência desde sua raiz de investigação experimental (Luciano, 2016; Törneke, 2021).

Estas contribuições são muito intensamente propostas pelos estudiosos da FAP (psicoterapia analítico-funcional), da TAC (terapia analítico-comportamental), da ACT (terapia de aceitação e compromisso), da ativação comportamental (BA) e da terapia comportamental dialética (DBT). Uma abordagem contextual prevê que os movimentos do terapeuta sejam atos em contexto, transformadores de funções nas direções acordadas com o cliente, dinâmicos e absolutamente pautados na compreensão da tríplice contingência do Behaviorismo de Skinner. Que consequências esses movimentos produzem? Que relações de reforçamento estão ali postas, que favorecem a esquiva e o sofrimento? Como tornar o cliente verbalmente atento ao seu movimento no contexto da sessão e de sua vida, de forma que ele note que consequências o seu agir (aberto e encoberto) produz na sua vida? Estas análises se produzem por meio de questionamentos, exercícios, metáforas, experiências emocionais intensas na relação terapêutica. Atuar como terapeuta contextual é também uma experiência emocional intensa ao terapeuta.

Então, uma análise contextual deve incluir, como já mencionado, as variáveis dos três níveis de seleção do comportamento, permanentemente atualizadas tanto no organismo do cliente quanto do terapeuta. Mais uma vez, quebra-se a ideia de um terapeuta que poderia se imaginar neutro: ele não é neutro, ele é um participante de seu contexto e do contexto do cliente, com seus ambientes públicos e privados, com seu organismo inteiro. Isto conduz o terapeuta ao desenvolvimento contínuo de sua auto-observação, da observação do outro e do seu mundo, trazidas por sua linguagem em todo o processo.

Como destacado por Carrara (2004), aqui não há novidade, mas redimensionamento das análises da interação entre organismo e ambiente. Ou como

7 As três estratégias se referem ao movimento de discriminação das relações funcionais dos comportamentos problemáticos do cliente (análise funcional), o treinamento de um repertório funcional alternativo por meio de quadros relacionais déiticos e hierárquicos, e o desenvolvimento de repertórios alternativos que especifiquem comportamentos a serem emitidos a longo prazo. Este modelo está proposto e detalhado em Törneke et al. (2016).

adverte o professor Marino Pérez-Álvarez (2006, p. 166): “O novo aqui, na terceira geração, (...) é um retorno às raízes contextuais da própria terapia comportamental (Jacobson et al., 2001). A originalidade, se for o caso, estaria em voltar às origens”<sup>8</sup>.

Retornar às origens e propor um olhar para os eventos encobertos dentro da análise funcional do comportamento do cliente, da relação terapêutica e da possibilidade de desmedicalizar problemas psicológicos. Não pretender mudar eventos privados, abandonar a luta contra sintomas, esta é a grande originalidade: ao modificar o olhar sobre os pensamentos e não pretender modificá-los na terapia, o esforço em alterar funções nos faz prestar atenção aos ambientes e contextos que podem ser verbalmente alterados. As terapias contextuais propõem algo além: abandonar a luta contra os sintomas e produzir uma reorientação para a vida. Observar o barco, navegar sem mudar nem as ondas, nem o mar, e escolher o sentido da navegação.

## Referências

- Boff, L. (1998). *A Águia e a Galinha*. (14ª edição). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brandão, M. Z. d. S. (1999). Terapia comportamental e análise funcional da relação terapêutica: estratégias clínicas para lidar com comportamento de esquiva. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1(2), 179-187. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55451999000200007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55451999000200007&lng=pt&tlng=pt)
- Callaghan, G. M. & Follette, W. C. (2008). FAPRS MANUAL: Manual for the Functional Analytic Psychotherapy Rating Scale. *The Behavior Analyst Today*, 9(1), 57-97. <https://doi.org/10.1037/h0100649>
- Carrara, K. (2004). Causalidade, relações funcionais e contextualismo: algumas indagações a partir do behaviorismo radical. *Interações*, 9(17), 29-54.
- de Rose, J. C. & Bortoloti, R. (2007). A equivalência de estímulos como modelo de significado. *Acta Comportamental*, 15, 83-102.
- Dougher, M. J., & Hayes, S. C. (2000). Clinical behavior analysis. In Dougher, M. J. (Org.), *Clinical behavior analysis* (pp. 11-25). Reno, NV: Context Press.
- Dougher, M. J. & Hamilton, D. A. (2018). The Contextual Science of Learning: Integrating Behavioral and Evolution Science Within a Functional Approach. In Wilson, D. S. & Hayes, S. C., *Evolution & Contextual Behavioral Science - an integrated framework for understanding, predicting and influencing human behavior* (pp. 15-30). Oakland, CA: Context Press / New Harbinger Publication.
- Gomes, R. C. & de Rose, J. C. (2024). O papel de estímulos verbais eliciadores no desenvolvimento da sensibilidade ao outro na psicoterapia. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 15(1), 060-072. <https://doi.org/10.18761/apuj1038>
- Hayes, S.C., Barnes-Holmes D. & Roche, B. (eds.) (2001), *Relational frame theory: A Post-Skinnerian account of human language and cognition*. New York, NY: Kluwer Academic/Plenum.

8 Tradução livre de: “Lo nuevo aquí, en la tercera generación, (...) viene a ser un retorno a las raíces contextuales de la propia terapia de conducta (Jacobson et al., 2001). La originalidad, si acaso, estaría en volver a los orígenes” (Pérez-Álvarez, 2006, p. 166).

- Hayes, S. C., Strosahl, K. D. & Wilson, K. G. (2021). *Terapia de aceitação e compromisso: o processo e a prática da mudança consciente*. (2. ed.) Porto Alegre, RS: Artmed.
- Hughes, S. (2020). A filosofia da ciência em sua aplicação à psicologia clínica. In Hayes, S. C. & Hofmann, S. G. *Terapia cognitivo-comportamental baseada em processos: ciência e competências clínicas* (pp. 19-35). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Kohlenberg, R & Tsai, M. (2001). *Psicoterapia Analítico Funcional: Criando Relações Terapêuticas Intensas e Curativas*. Santo André, SP: ESETec.
- Luciano, C. (2016). Evolución de ACT. *Análisis y Modificación de Conducta* 42, 3-14. <https://doi.org/10.33776/amc.v42i165-66.2791>
- Froxán, M. X., López, N. A., Valero, L. & Olid, J.. (2023). *Conductismo Vs. Contextualismo*, Madrid, evento PsicoFest 23 promovido por ConducTeam e EnGramapsico. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=IPvSR0A2hc0&t=2850s>
- Pérez-Álvarez, M. (2006). La terapia de conducta de tercera generación. *EduPsykhé: Revista de psicología y educación* 5(2), 159-172. <https://doi.org/10.57087/edupsykhe.v5i2.3781>
- Perez, W. F., Nico, Y. C., Kovac, R., Fidalgo, A. P., & Leonardi, J. L.. (2013). Introdução à Teoria das Molduras Relacionais (Relational Frame Theory): principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 4(1), 33-51. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v4i1.105>
- Perez, W. F., Kovac, R., Almeida, J. H. & De Rose, J. C. (2022). *Teoria das Molduras Relacionais (RFT): Conceitos, Pesquisa e Aplicações*. Paradigma.
- Ruiz, F. J. & Luciano, M. C. (2012a). La historia de aprendizaje como parte del contexto - Respuesta al comentario de R. Pérez-Almonacid. *Acta Comportamentalia*, 20(4), 46-47. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0188-81452012000400005&lng=pt&tlng=es](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452012000400005&lng=pt&tlng=es).
- Ruiz, F. J. & Luciano, M. C. (2012b). Sobre la relevancia de la analogía y la “Teoría del Marco Relacional” en la comprensión de la cognición humana - Respuesta al comentario de E. Z. Tourinho. *Acta Comportamentalia*, 20(4), 44-45. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0188-81452012000400004&lng=pt&tlng=es](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452012000400004&lng=pt&tlng=es)
- Sidman, M. (1992) *Equivalence relations: some basic considerations*. In Hayes, S. C. & Hayes, L. J. (Eds.), *Understanding verbal relations* (pp.15-27). Reno, NV: Context Press.
- Skinner, B. F. (2003/1953). *Ciência e Comportamento Humano* (11. ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (2007). Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 129-137.
- Törneke, N. (2010). *Learning RFT: An introduction to relational frame theory and its clinical applications*. Oakland, CA: New Harbinger Publications, Inc.
- Törneke, N., Luciano, C., Barnes-Holmes, Y., & Bond, F. W. (2016). RFT for clinical practice: Three core strategies in understanding and treating human suffering. In Zettle R. D., Hayes S. C., Barnes-Holmes D., & Biglan A. T. (Eds), *The Wiley handbook of contextual behavioral science* (pp. 254-272), West Sussex, UK: Wiley-Blackwell.
- Törneke, N. (2021). Clinical functional analysis and the process of change. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 12(1), 075-093. <https://doi.org/10.18761/PAC.2021.v12.RFT.01>
- Villatte, M., Villatte, J. L. & Hayes, S. C. (2016) *Mastering the clinical conversation-language as intervention*. New York / London: Guilford Press.
- Wilson. K. G. & Luciano-Soriano, M. C. (2012). *Terapia de Aceptación y Compromiso (ACT) – un tratamiento conductual orientado a los valores*. Madrid: Piramide.
- Wilson, D. S. & Hayes, S. C. (2018). Evolution and Contextual Behavioral Science. In Wilson, D. S. e Hayes, S. C., *Evolution & Contextual Behavioral Science - an integrated framework for understanding, predicting and influencing human behavior* (pp. 1-14). Oakland, CA: Context Press / New Harbinger Publication.

Zettle, R. D., & Hayes, S. C. (1982). Rule-governed behavior: A potential theoretical framework for cognitive-behavioral therapy. In Kendall, P. C. (Ed.), *Advances in cognitive- behavioral research and therapy* (pp. 73– 118). New York, NY: Academic Press.

### **Histórico do Artigo**

Submetido em: 13/11/2024

Aceito em: 25/08/2025